

**LOIS, Ximena & VAPNARSKY, Valentina** (eds.) (2006). *Lexical Categories and Root Classes in Amerindian Languages*. Switzerland: Peter Lang AG, International Academic Publishers Bern. Pp. 389. ISBN 3-03910-0831-X. (Paper). US\$ 70.95.

O livro contém trabalhos revistos e apresentados inicialmente no Simpósio sobre “Polivalência das bases lexicais em Línguas Ameríndias”, na ocasião do 51º Congresso Internacional de Americanistas (Santiago de Chile, 2003). Outros artigos foram incluídos na presente edição que, ao todo, constituem uma contribuição importante para a discussão das Categorias Lexicais nas línguas Ameríndias.

Além da introdução, o livro apresenta três partes: a primeira é dedicada aos níveis e processos da determinação categorial. Os artigos dessa seção discutem a hipótese de interdeterminação e polivalência das raízes. Destacam-se, aqui, os textos de Franchetto, Lois & Vapnarsky, Haag, Camargo, Malvestitti e Becquelin. Na segunda parte, Queixalós e Helmbrecht discutem sobre a universalidade das categorias e suas respectivas funções dando especial atenção aos processos de predicação. Na última seção do livro, Pfeiler e Carter trazem ao debate a questão da aquisição das categorias lexicais e a natureza do léxico mental.

Na introdução, as organizadoras retomam o fato que as categorias lexicais são temas complexos e controversos que merecem ser abordados sob a ótica de diferentes enfoques teóricos. Na sua reflexão sobre esse aspecto, as autoras lembram que os critérios semântico e morfológico, muito comum, na identificação das categorias lexicais, seguem essencialmente a tradição greco-latina. Contudo, a aplicação do critério morfológico resulta inadequada em línguas com características de tipo isolante (p.3). Por outra parte, o critério sintático de distribuição ligado à combinação das classes lexicais, assim como as propriedades de predicação dos verbos e de função argumental dos nomes, tem mudado a partir de estudos das línguas faladas nas Américas e na Oceania. Outrossim, as funções sintáticas são associadas a funções pragmático-discursivas do tipo tópico/comentário, tema/rema, dado/novo. Porém, diversos autores, correlacionam as categorias lexicais com essas funções pragmáticas e com atos de fala. Seja como for, o que fica claro é a necessidade de aprofundar o estudo das interfaces entre pragmática, gramática e semântica que nos levem a um conhecimento mais específico da natureza do léxico mental (p.4).

Sem dúvida, a introdução de Lois & Vapnarsky é bastante útil para o leitor, pois focaliza os problemas centrais relacionados às classes lexicais e traz, nesse panorama teórico, exemplificações com dados de línguas extraídos a partir dos artigos que integram o livro.

Em “Are Kuikuro roots lexical categories?”, Franchetto (p. 33-68) fazendo uso do modelo teórico da Morfologia Distribuída analisa o processo de categorização onde o léxico mental da língua é representado como elementos mínimos, conceitos e idéias *não*

categorizados como ‘nomes’ ou ‘verbos’, mas situados tanto num continuum quanto numa categorização neutra. Após uma breve apresentação da morfossintaxe Kuikuro, a autora coloca uma série de problemas que constroem a discussão do texto. No primeiro deles, considera que na sentença o elemento mais importante é construído por dêíticos mais o sufixo cópula {-i}, freqüentemente acompanhado de partículas epistêmicas e aspectuais. Essa formação ocorre à borda esquerda da sentença e cuja função seria assinalar o enfraquecimento do que parece ser uma flexão verbal. Uma vez que ocorre com mais freqüência no discurso, sugere que tal codificação é necessária para realizar a predicação referencial. No segundo trata da natureza da morfologia flexional, aqui o núcleo nominal é determinado pelos prefixos marcadores de pessoa e por sufixos ‘relacionais’ que indicam posse. Já o núcleo verbal é determinado pela morfologia que expressa aspecto, modo e por sufixos que indicam transitivização. O terceiro problema trata sobre os categorizadores verbais. Assim, em Kuikuro verbos são resultados de processos de verbalização de uma raiz a-categorial. Em verbos transitivos o argumento interno é o paciente; o argumento externo, marcado pela posposição *heke*, posiciona-se fonológica e sintaticamente fora do SV, tendo o papel semântico de agente. A hipótese assumida pela autora é que as raízes são morfemas lexicais a-categoriais que se referem a eventos ou estados contendo traços semânticos que seriam específicos para cada língua. Por sua vez, os verbos são o resultado da categorização verbal, determinada pela associação da raiz com a categoria funcional verbalizador, que pode se manifestar ou não fonologicamente.

Lois & Vapnarsky (p. 69-115) abordam a indeterminação e polivalência das raízes em línguas maias yukatekas. Elas propõem dois tipos de raiz: a) raízes indeterminadas, consideradas neutras que podem funcionar como categoria tanto verbal quanto nominal sem nenhum processo derivacional e b) raízes nominais que só funcionam como nominal; estas precisam de derivação visível para atuar como verbos. Dentre das propriedades fonológicas, a maioria das raízes em diversas línguas maias são monossilábicas, isto é, CVC. Morfossintaticamente são do tipo ‘marcadas no núcleo’, pois as relações gramaticais são marcadas no núcleo do predicado que pode ser nominal, verbal, adjetival ou locativo, o processo de marcação é feito por meio de marcadores obrigatórios de pessoa, denominados tradicionalmente como “Grupo A” (ergativo) e “Grupo B” (Absolutivo).

Na proposta de formação de palavras, as autoras introduzem um conceito novo ‘*instantiation*’, além dos tradicionais composição e derivação. ‘*Instantiation*’ de uma raiz é o processo “of entering directly into a given phonological and morphological profile” (p. 82), fato pelas quais raízes participam em diversas formações de predicação com uma mesma forma não derivada. Ainda as autoras observam que a oposição Nome-Verbo aparece, para as raízes não determinadas, no nível morfossintático permitindo que elas entrem diretamente em construções nominais e verbais. Em línguas yukatekas a combinação das propriedades temporal, aspectual e modal definem os paradigmas: incompletivo (apresenta cisão de ergatividade), completivo e subjuntivo. As subclasses nominais de raízes não determinadas e raízes estritamente nominais possuem propriedades flexionais que em Yukatek são classificadas, pelo critério de posse, em nomes alienáveis, inalienáveis e neutros.

Em suma, as autoras diferenciam claramente entre dois tipos de raízes: raízes não determinadas e raízes nominais. As últimas só se manifestam nominalmente e não podem ser associadas com partículas de TAM. Fica evidente, pelos argumentos levantados, que as raízes nas línguas maias yukatekas são polivalentes em dois sentidos: (a) em termos das categorias lexicais (verbal e nominal de várias classes – substantivos, adjetivos, participios, classificadores -), e, b) em termos da estrutura argumental. Pelos diferentes tipos e graus de polivalência existentes, algumas raízes, as multivalentes, mostram ambivalência tanto sob o ponto de vista categorial quanto argumental. Contrariamente, raízes intransitivas evidenciam apenas ambivalência categorial, pois sua estrutura argumental pode ser mudada somente por derivação. Outro grupo de raízes são estritamente nominais.

No terceiro artigo (p. 117-146), Haag trata do processo de formação de palavras nas línguas Choctaw (Muskogean) e Cherokee (Iroquoian) analisando a estrutura da palavra morfológica e as propriedades do lexema. Para a autora, o *lexema* é a forma da palavra não-flexionada que inclui conteúdo nocional, categoria lexical e morfologia derivacional. Ambas línguas são abordadas em termos de traços ou propriedades categoriais. Contudo, o Choctaw mostra claramente a formação hierárquica da palavra, com limitada referência às categorias lexicais, já o Cherokee possui forte propensão para a complexidade semântica da raiz, sem referência à categoria lexical.

Ressalte-se que em Choctaw a morfologia está fortemente orientada para as categorias funcionais, marcadas como argumento, adjunto e predicado, além da formação morfológica das palavras que se dá a partir de processos de conversão, de distinção fonológica no nível da palavra em nomes e categorias predicativas e de processos prosódicos, através de alongamento rítmico e acento frasal. Outro processo produtivo nos processos de formação de palavras é a afixação. Por exemplo, os afixos {-*chi*} e {-*nan*-}, para derivar verbos transitivos e nomes, respectivamente, só podem ter como base de entrada uma categoria lexical predicativa e não um nome. Um apreciável conjunto de formação de palavras, na língua Choctaw, se dá não por afixação, mas por modificações no radical.

Os fatos morfológicos do Cherokee analisados por Haag, mostram a composição lexical da raiz como um dos traços mais notáveis, por conta do grande número de palavras semanticamente complexas que incluem conceitos de localização, forma instrumental, direcionalidade, agentividade, relação temporal, animacidade de objetos, entre outros conceitos. Outros fatos como redundância de morfemas gramaticais que, sozinhos, não tem reflexo ativo na sintaxe da sentença, bem como a proliferação da ‘quantidade’ semântica nos derivativos, além dos predicados formados por marcadores de instrumento lexicalizados, são abordados pela autora.

A seção final do texto de Haag está dedicada à discussão teórica da análise, a saber: a visão de que palavras são formadas por afixação (ou por outra operação morfológica) ao lexema; as raízes têm categorias lexicais? Se não, pelo menos possuem estrutura de argumento? E, por último, o nível lingüístico ao qual a categoria lexical pertence. Tais pontos são questionáveis para Choctaw e Cherokee. Em relação à questão do ciclo na formação de palavras, a língua Choctaw, como no caso das línguas européias, mostra derivações cíclicas na formação das palavras. Já em Cherokee as raízes lexicais não hierárquicas são as normas básicas para a formação das palavras. Assim, muitas noções semânticas, geralmente de quantidade e de personalidade, tendem a ser gramaticalizadas, quando são realizadas como pronominais e como aspecto.

Em “*Lexical categories and word formation processes in Wayana*” Camargo (p. 147-188), trata os processos de formação de palavras em Wayana, uma língua Karib falada entre as fronteiras do Brasil, Guiana Francesa e Suriname. Com base nas propriedades morfossintáticas dessa língua, Camargo reconhece como categorias lexicais maiores os nomes, verbos e posposições. Os parâmetros básicos dessa identificação são os marcadores flexionais de pessoa, número e tempo-aspecto. As categorias menores são definidas com base em alguns processos derivacionais. Como membros dessa categoria são considerados os determinantes não pronominais, interrogativos, partículas e interjeições; à diferença das classes maiores, as menores não são flexionadas para pessoa, número e tempo-aspecto. Uma característica importante em Wayana é que Nomes, como no caso dos Verbos, recebem marcadores flexionais de aspecto, como mostram os dois exemplos citados pela autora (p. 159):

- a) kanawa – me t – ëklë – he – m  
 boat - CONT 3-carve-he-me  
 (lit. ‘the boat is becoming, it is being carved/buit’)  
 (i) ‘Its is becoming a boat’. (ii) ‘It is being carved’.
- b) kanawa – tpë – me                      ‘It becomes and old boat’  
 boat - PRES.PART-CONT

De acordo com a autora, não há as categorias lexicais Adjetivo e Advérbio, reconhece apenas um grupo de palavras, tais como *tëlen* “robusto” e *pepta* “grande” que funcionam como modificadores de nomes e que poderiam, eventualmente, ser interpretados sintaticamente como adjetivos. Em relação à sintaxe, a língua tem uma complexa cisão, caracterizada por uma distinção ativa/inativa para 1ª e 2ª pessoas e um sistema ergativo/absolutivo na 3ª pessoa. Hierarquicamente a 1ª pessoa é sempre marcada.

Vários tipos de nominalizadores são reconhecidos em Wayana, entre eles estão: *-top{o}* ‘lugar, estado dos seres e resultado da ação’; *-ne* ‘agente focalizado’; *-tën* ‘paciente focalizado’ e *-m{i}* ‘habilidade de alguém ser/fazer X’, ‘capacidade/possibilidade de X ser afetado’

Embora o Wayana possua diversos sufixos verbalizadores, a autora decidiu tratar apenas dois deles: a) *-ta* usado para verbalizar nomes em inativos/intransitivos, b) *-ma* para transformar nomes em verbos ativos/transitivos. Sob o ponto de vista sintático- semântico, o argumento único dos primeiros não exerce controle sobre a ação, o argumento externo dos segundos, ao contrário, atua como controlador da ação.

Sem dúvida, o texto de Camargo, ilustra adequadamente os diferentes tipos de formação de palavra em Wayana, contribuindo, dessa maneira, com nosso conhecimento das línguas Karib.

Na linha de Lois & Vapnarsky (p. 69-115), mas sob a égide da Teoria Gerativa (Baker, 2003), Marisa Malvestitti aborda a polivalência em Mapuzungun ou Mapuche. Malvestitti focaliza o comportamento de três verbalizadores, a saber: *-nge*, *-tu* e  $\emptyset$  (foneticamente morfema ‘zero’). Esses morfemas derivacionais afetam um número de categorias sintáticas de verbos (inacusativo e inergativo) e diferentes operadores semântico-lexicais. Em sua

análise, observa algumas regularidades na escolha do verbalizador, através da interação dos fatores: i) a categoria lexical; ii) configuração sintática e argumental; iii) dimensão aspectual do verbo resultante e, iv) a presença de operadores semânticos. A autora estabelece a primeira correlação entre a categoria lexical original e a configuração sintática do verbo resultante. Estabelece um continuum onde, de um lado o verbalizador de Nomes rende prototípicos verbos inergativos que pode ter um argumento interno e, do outro, o verbalizador de Adjetivos, através dos morfemas *-nge-* e *zero*, que formam verbos inacusativos. Essa distinção entre inergativo e inacusativo está ligada à configuração do argumento ao mesmo tempo em que está relacionada pela estrutura eventiva e também a operadores semântico-lexical que caracterizam cada classe. Neste último caso, a escolha do verbalizador *-nge-* no processo de verbalização de Adjetivos demonstra permanência de estado, enquanto que a conversão (derivação *zero*) mostra mudança de estado. Apoiando-se no grau de abstração para a derivação verbal da variedade Mapuche estudada, a autora propõe o seguinte esquema de derivação verbal: [<sub>VP</sub> Infl [<sub>Pred.P</sub> Asp [<sub>Pred.P</sub> *-nge-/-tu-/Ø* [<sub>NP,AP</sub> X]]]]. Outros tópicos tais como a delimitação mais precisa das categorias lexicais, a relevância de considerar outra forma de categorização do número reduzido de raízes N/V em termos de classes transcategoriais ou verbos-nominais (cf. artigo de Lois & Vapnarsky) são deixados em aberto para futuros estudos.

Em categorias e composição em Tzetal, língua Maia, Becquelin (p. 211-246) apresenta uma análise preliminar de temas da gramática da língua, trazendo a discussão questões do tipo: as raízes na língua Tzeltal já estão categorizadas, ou algumas delas são neutras? Se forem neutras será que poderiam ser mais bem qualificadas como pré- ou como transcategorial? Em suma, em que nível da gramática da língua é determinado as categorias?

Partindo da verificação das categorias e do processo de derivação, Becquelin observa que a categorização é baseada em grupos derivacionais e flexionais com sufixos específicos de plural para marcar os nomes e sufixos de aspecto para verbos, sendo o molde das raízes lexicais basicamente monossilábicas: CVC e CV. Tzeltal é uma língua orientada para a marcação no núcleo ('head-marking'), caracterizando-se por ser uma língua ergativa sem cisão. Como modificadores somente são admitidos numerais e advérbios, orações nominais e verbais funcionam como predicados. A estrutura argumental do verbo guarda um paralelismo respeito da estrutura relacional do nominal. Assim, ambas categorias permitem modificadores que se inserem entre a raiz e os marcadores de pessoa; por exemplo classificadores e auxiliares precedem o núcleo nominal e verbal, respectivamente.

Na seção dedicada à composição, Becquelin retoma algumas observações sobre a classificação e comportamento das palavras compostas em Tzeltal, concluindo que pelo menos há oito tipos semânticos de combinação de compostos em Tzeltal: compostos *dvandva*, constituído pela justaposição de termos equípolentes; compostos *disjuntivos*, a relação entre os elementos do composto é assimétrica; compostos *Específicos* ('Speciation'), tipo de composição em que há uma associação de um termo genérico ou indeterminado a um outro específico; compostos de *Atribuição*, o primeiro elemento opera como modificador de um item, o significado resultante a atribuição de uma entidade; compostos resultantes do processo de *Incorporação*, um verbo e um nome se combinam para formar um novo verbo. Já o tipo de composição por *Dependência* envolve uma relação subordinada entre um termo relacional '*por natureza*' ou por convenção cultural e outro na função referencial,

que inclui partes do corpo e termos de parentesco. Por fim, no tipo de composição *Determinação Genitiva* se dá um termo determinante e outro determinado, este último perde sua autonomia, muito parecido aos compostos que assinalam *especificação*.

Uma questão levantada pela autora a respeito da composição é saber se os elementos que participam da composição são raízes ou somente palavras? Como resposta assume que os processos de derivação e composição apresentam diferentes graus de determinação categorial nas raízes e diferentes níveis de atribuição categorial. Sugere como hipótese que os elementos da composição são raízes por conta de sua variedade sintática e semântica, sendo tratados como raízes elas podem escapar do insistente uso dos sufixos e marcadores de pessoa. Em termos gerais, as raízes seriam o *loci* dos significados abstratos, recebendo sua afiliação categorial nos diferentes níveis, como se fossem um núcleo semântico ligado a um estágio presintático e só depois seriam categorizadas morfológica e pragmaticamente.

A segunda parte do livro dedicada à universalidade e funções das categorias inclui os trabalhos de Queixalós (p. 249-287 e de Helmbrecht (p. 289-316). No primeiro deles, Queixalós aborda a primazia e destino da predicação em línguas da família Tupi-Guarani. Fazendo uso da diacronia e de estudos recentes de línguas do mundo, considera que a distinção tradicional entre nomes e verbos, como base nos critérios semântico, formal, pragmático e funcional, nem sempre é possível. Nesse sentido, em línguas como as Tupi-Guarani, classes gramaticais em função predicativa e de argumento são mais relevantes para estabelecer as categorias lexicais. Por exemplo, em línguas Tupi-Guarani uma classe semanticamente homogênea de morfemas lexicais, tratados tradicionalmente como descritivos, exerce função predicativa. Com base na comparação tanto de estruturas de línguas não geneticamente relacionadas com a família Tupi-Guarani quanto de línguas ao interior dessa família sugere, como ponto inicial, que no processo de Predicação em Tupi-Guarani não há uma classe lexical em que a função de argumento seja primária, mas sim derivada.

Observando o comportamento variado do sufixo {-a} associado as funções de Sujeito, Objeto e Complementos Adnominal e de Posposição assume que, nas línguas dessa família, esse sufixo perdeu a função predicativa, propondo, por sua vez que ele seria atualmente um *Referrer*, cuja função seria marcar as diferenças nos tipos de predicação. Especificamente a função do *Referrer* se restringe a função de construir um referente a partir de uma raiz, que sozinha não é capaz de referir, dada sua natureza predicativa.

Traçando um cenário diacrônico e contestando alguns trabalhos tais como os de Jensen (1999), Queixalós sugere que o grau forte de *onipredicatividade*<sup>1</sup> não pode ser atribuído à família Tupi-Guarani como um todo, pois as línguas documentadas apresentam diversos graus na classe de suas designações, como se evidencia pelos dados que o autor analisa no Kamayura e no Wayampi. Para ele, o sufixo {-a} nunca se espalhou de um contexto para outro, como sugere Jensen, mas esteve onipresente durante um período nas línguas Tupi-Guarani e reduzindo posteriormente sua presença até desaparecer completamente em algumas línguas, como no Wayampi. Uma possível sistematização desse estágio inicial e seus correspondentes corolários são apresentados, pelo autor, em (52), página 268.

---

<sup>1</sup> *Onipredicatividade* é um conceito sugerido pelo lingüista Michel Launey a partir de seus estudos da língua Nahuatl. Ele faz referência às línguas em que qualquer palavra do léxico representa uma noção predicativa.

Queixalós termina seu artigo mostrando os diferentes estágios em que se encontram as línguas da família Tupi-Guarani em relação ao *Referrer*. Num estágio inicial o léxico é naturalmente predicativo, com a perda da *onipredicatividade*, a inerência semântica de cada membro, torna uns mais Nomes (Guarani, Tupinambá e Assurini do Tocantins), outros mais Verbos (Kamayurá, Tapirapé e Kayabi) e outros ainda pela sua semântica híbrida permanecem amórficos (Emerillon).

Sem dúvida, a hipótese da *onipredicatividade* sugerida pelo autor traz novos aportes para os estudos comparativos em relação à formação das classes de palavras nas das línguas Tupi-Guarani.

A existência ou não de uma classe adjetivos além de verbos e nomes em Hocak (Winnebago), é o tema de Johannes Helmbrecht (p. 289-316). Se essa classe existe, então quais seriam as características e propriedades morfossintáticas dessa categoria? Ao contrário, se ela não existe, quais seriam as estratégias e meios lingüísticos que o Hocak usa para expressar conceitos que são associados aos adjetivos?

Após uma breve revisão de trabalhos de característica teórica e tipológica sobre a categoria adjetivo, Helmbrecht apresenta evidencia de que o Hocak pode ser caracterizada como uma língua Verbo-adjetival. Os itens que seriam tratados como adjetivos em línguas indoeuropéias, por exemplo, são categorizados como verbos intransitivos inativos em Hocak. Evidências para essa conclusão são tomadas a partir das propriedades morfossintáticas das palavras. Assim, essa língua não tem marcadores morfológicos de caso nem de gênero no nome, assim sendo não há concordância de gênero entre o núcleo nominal e os itens potencialmente adjetivos. A indicação de pluralidade no SN é marcada opcionalmente no núcleo nominal por meio do sufixo {-wi/-wı} que formalmente é idêntico ao marcador de plural nos verbos. Se não há marcadores pronominais no verbo, os papéis semânticos do SN-Sujeito e do SN-Objeto são inferidos a partir da ordem dos constituintes. Se há um ou mais participantes no ato de fala, a ordem é irrelevante. Então, diferentes séries de afixos pronominais e aplicativos marcam a função semântica dos complementos verbais.

Da mesma forma que os verbos intransitivos inativos, os itens potencialmente adjetivos, ao ocuparem a posição de predicado, recebem afixos pronominais que se afixam a uma base para indicar que ela é o elemento afetado ('Undergoer'). Fora isso, não há marcadores flexionais considerados típicos da categoria adjetivos que se afixem aos hipoteticamente adjetivos em Hocak. Da mesma forma, a mudança de categoria lexical, característica principal da morfologia derivacional das línguas, não atinge os possíveis adjetivos nessa língua. Esses e outros fatores adequadamente discutidos levam o autor a concluir que não há uma classe separada de adjetivos. Ao contrário, o que seria adjetivos é interpretado como uma subclasse de verbos intransitivos inativos, daí que o Hocak é caracterizado como uma língua Verbo-adjetival.

A seção final do livro dedicada a "aquisição das categorias léxicas e sua relação como léxico mental", traz contribuições de Barbara Pfeiler (p. 319-341) e Richard Carter (343-389). No primeiro trabalho, Pfeiler focaliza a polivalência na aquisição das categorias lexicais por uma criança, falante do Yucateco (Maia). Seu foco é saber quais propriedades da linguagem, junto a fatores contextuais de fala direcionada ('child directed speech') facilitam o processo de aprendizado de verbos e nomes. Estudiosos das línguas maias têm mostrado o problema

de diferenciar nomes de verbos, pois essas duas classes de palavras levam o mesmo conjunto de marcadores de concordância de pessoa no nível das raízes. Nomes em geral são determinados, exceto em contextos de perguntas e respostas; verbos são caracterizados por marcação de pessoa e por marcadores de aspecto e modo que ocorrem simultaneamente em duas posições diferentes, e que está dado por um marcador aspectual pré-verbal, coordenado com um sufixo de status, que se sufixa a diferentes classes verbos em todos os modos e aspectos.

Procurando descrever a relação entre a fala direcionada e o desenvolvimento do léxico inicial, a autora agrupa os lemas mais freqüentes considerando a polivalência das raízes e os fatores de contexto lingüístico, tais como: tipos de atos de fala, tipos de sentença e posição sintática dos lemas no enunciado. No fator produtividade, Pfeifer observa que a criança; sujeito de seu estudo, nos primeiros meses da gravação (1;1 a 1;3), imita lemas da fala adulta como formas parciais ou completas. A partir da idade de 1;4, alguns lemas são produzidos como raízes nuas ou como raízes terminadas em vogais.

Como conclusão, a autora assume que diversos fatores influenciam a aquisição morfológica da criança yucateca. Ressaltam-se o contexto lingüístico das palavras na fala direcionada, em que são incluídos os atos de fala, os tipos de sentenças e a posição dos verbos e nomes no enunciado. Também foram considerados os padrões prosódicos, a característica tipológica da harmonia vocálica e a complexidade morfológica das raízes.

Finalmente, Richard Carter apresenta uma discussão bastante ampla dos problemas e perspectivas que se relacionam com a policategorialidade e predizibilidade das representações lexicais. A predizibilidade do significado é, para o autor, essencial para se postular que as raízes não são agrupadas em categorias. Em sua concepção, a policategorialidade descreve a existência de formas usadas em diferentes categorias lexicais, sem mudança fonológica visível ou com mudanças mínimas e previsíveis. Considerando o critério de polivalência, assume que numa dada língua formas policategorias ficam, em um certo nível de representação, sem especificação de categoria. Isso ocorre, por exemplo, com a policategorização de N/V dado pelo morfema 'zero' que define a existência de formas idênticas usadas como nomes ou como verbos.

A tese principal do autor é demonstrada comparando principalmente o léxico do Inglês, Francês e com algum direcionamento para o léxico do Yucateco. Para o Inglês encontra poucos casos de policategorialidade N/V derivados por 'zero', já para a derivação 'zero' de nomes encontra vários subtipos semânticos de verbos (cf. p. 346). Por sua vez, o Francês parece apresentar menos casos de pares N/V derivados por 'zero', com a única diferença que formas para indicar nomes de massa ('mass nouns') com significado genérico são expressas no Francês por médio de bases nuas. Já em Inglês esse tipo de formas recebe freqüentemente o sufixo {-ing} ou um indicador de falso plural. As diversas questões levantadas para o Inglês e Francês resultam relevantes para a análise do Yucateco, língua que também apresenta derivação dos pares N/V via morfema 'zero'.

Em torno à predizibilidade semântica e à direcionalidade da derivação, observa o fato que há diferença semântica entre o sentido de verbos e nomes em línguas que diferenciam essas classes. Assim, ações, mudanças de estado, predicados de causa são lexicalizados como verbos; enquanto nomes de diferentes tipos naturais, termos de parentesco e outros tipos ontológicos são expressos por nomes. Mas há nomes que, muitas vezes, também



expressam ação, uma noção verbal prototípica. Nesses casos, os nomes que tem prototipicamente o sentido de verbo seriam derivados de verbos, ora por derivação visível ora por derivação ‘zero’. Nos casos em que os significados de N e de V são diferentes, sendo às vezes um deles mais básico do que o outro então a denotação do significado iria do mais básico ao mais geral.

Como conclusão de seu artigo, o autor retoma dois pontos principais de sua análise: (i) a perspectiva metodológica de se fazer considerações semânticas na descrição de categorias morfológicas e lexicais de uma língua, (ii) o fato de encontrar similaridades e diferenças em relação à limitada produtividade do léxico real entre as línguas. Por exemplo, nas línguas consideradas no seu estudo, o sentido dos nomes está intimamente relacionado ao sentido padrão dos verbos sem qualquer indicação de prioridade de um ou de outro.

Muito mais que hipóteses, o livro apresenta uma série de propostas sobre o processo de categorização lexical em línguas ameríndias. Seja do ponto de vista descritivo, seja do ponto de vista teórico, os autores demonstram o quanto a questão sobre a temática é complexa e o quanto está longe de uma solução definitiva. As três partes que integram o livro foram organizadas de forma a construir uma leitura a partir de diferentes abordagens. Sem dúvida, o livro abre o caminho para outros estudos similares, sendo sua leitura obrigatória a todos os pesquisadores que se interessam pelas línguas indígenas.

**Raynice G. Pereira da Silva**  
(PG/IEL-UNICAMP)  
**Angel Corbera Mori**  
(IEL-UNICAMP)